

1 *Caindo fora*

Todas as notícias da África são ruins. Mas me deixaram com vontade de ir lá, embora não pelos horrores, lugares perigosos ou relatos de massacres e terremotos que se leem nos jornais; eu queria ter o prazer de estar de volta à África. Sentindo que o lugar era tão grande que deveria abrigar muitas histórias não contadas, além de alguma esperança, comédia e doçura — sentindo que haveria na África mais do que miséria e terror —, decidi me reinserir no *bundu*, como chamávamos a mata, e perambular pelo território ancestral. Lá eu vivera e trabalhara feliz, há quase quarenta anos, no coração do mais verde dos continentes.

Saltando no tempo, estou escrevendo isto um ano mais tarde, recém-chegado da África, já tendo realizado meu longo safári. Eu estava errado em tanta coisa... Sofri atrasos, fui alvo de tiros, ouvi berros, fui roubado. Nada de massacres ou terremotos, mas um calor infernal, estradas em péssimo estado, trens em abandono, e é melhor nem falar dos telefones. Fazendeiros brancos, exasperados, diziam: “Ficou tudo de pernas para o ar!” A África está mais decrepita, materialmente, do que quando a conheci pela primeira vez — mais faminta, mais pobre, menos instruída, mais pessimista, mais corrupta. E não se consegue diferenciar políticos de curandeiros. Fiquei com a impressão de que os africanos, menos queridos do que nunca, são o povo a quem mais se mente no planeta — manipulados por seus governos, ludibriados por especialistas estrangeiros, iludidos por instituições de caridade e trapaceados de todas as formas. Ser um líder africano significava ser ladrão, mas os missionários roubaram a inocência das pessoas, e organizações beneficentes, que só beneficiavam a si mesmas, deram-lhes falsas esperanças, o que é pior. Os africanos, por sua vez, deixaram de se esforçar ou tentaram emigrar, imploraram, pleitearam, exigiram dinheiro e presentes, com uma noção de justiça rude e estranha. Não que a África seja um lugar só. É uma coleção de repúblicas heterogêneas e tribos decadentes, onde fiquei doente, fiquei retido, mas jamais fiquei entediado. Na verdade, minha viagem foi um prazer e uma revelação. Um parágrafo assim requer uma explicação — ou pelo menos um livro. Talvez este livro.

Como eu estava dizendo, naqueles velhos e tranquilos tempos em que lecionei no *bundu*, os indivíduos viviam em choças cobertas de palha, nos

confins de estradas de argila vermelha, sem pavimentação. Tinham uma nova bandeira nacional, para substituir o pavilhão inglês e haviam acabado de obter direito ao voto. Alguns possuíam bicicletas e muitos falavam em comprar o primeiro par de sapatos. Tinham esperanças, assim como eu, um professor vivendo próximo a um povoado de casinhas de pau a pique, em meio a árvores empoeiradas e campos ressecados. As crianças brincavam soltando gratinhos; as mulheres — muitas com bebês amarrados às costas — capinavam roçados de milho e feijão; os homens, sentados à sombra, atordoavam-se com *chibuku*, a cerveja local, ou *kachasu*, o gim local. Esta era a ordem das coisas considerada natural na África: crianças brincando, mulheres trabalhando e homens ociosos.

Às vezes havia problemas: alguém atravessado por uma lança, brigas de bêbados, violência política — bandos de facínoras envergando a camiseta do partido no poder e promovendo desordens. Mas, de modo geral, a África que conheci era adorável e cheia de sol, um vazio verde e suave de árvores baixas, com as copas achatadas, mato fechado, grasnidos de pássaros, risos de crianças, estradas vermelhas, barrancos marrons, gretados e estorricados, que pareciam recém-saídos do forno, colinas azuladas, animais listrados e malhados, alguns com pelagem amarela e presas afiadas, seres humanos em todos os matizes, desde fazendeiros de faces rosadas, usando bermudas e meias até os joelhos, a indianos morenos e africanos de negros rostos reluzentes. Na ponta do espectro, algumas pessoas tão escuras que chegavam a ser violáceas. O som predominante na mata africana não era o barrido dos elefantes nem o rugido dos leões, mas o arrulho da rola-brava.

Depois que deixei a África, irromperam notícias de que as coisas iam mal: catástrofes, desmandos de tiranos, guerras tribais, pragas, enchentes, fome, comissários políticos mal-humorados e soldados adolescentes que mutilavam pessoas. “Mangas compridas?”, brincavam, e decepavam as mãos. “Mangas curtas” — e amputavam o braço. Um milhão de pessoas morreu, a maioria tútsis, nos massacres de 1994, em Ruanda. As vermelhas estradas africanas não mudaram, mas ficaram lotadas de refugiados em fuga, maltrapilhos, carregando as trouxas.

Eram perseguidos por jornalistas. Pressionados pelos editores a alimentar um público faminto por provas de selvageria na terra, os repórteres se postavam ao lado de africanos famélicos, no último estertor, e transmitiam o noticiário da tevê para pessoas que assistiam horrorizadas enquanto devoravam salgadinhos, aboletadas em seus sofás.

— E esses — close em um moribundo —, esses são os *sortudos*.

A gente acaba pensando: “De onde ele tirou isso?” Alguma coisa fundamental mudou desde que estive lá? Eu queria descobrir. Meu plano era ir do Cairo à Cidade do Cabo, de cima para baixo, e ver o que estivesse no meio.

As notícias, naquele momento, eram tão horríveis quanto os boatos. Dizia-se que a África era um lugar em desespero, indescritível, violento, assolado por pragas, faminto, sem esperanças, morrendo aos poucos. *E esses são os sortudos!* Então pensei que, como tinha muito tempo e nenhuma urgência, poderia ligar os pontos, cruzar fronteiras e percorrer o interior, em vez de adejar de capital em capital e ser recebido por guias melífluos. Naquele momento, não tinha nenhum desejo de visitar as reservas de animais selvagens, embora achasse que, mais tarde, poderia ter. A palavra “safári”, em suaíli, significa “jornada”; não tem nada a ver com animais. Alguém “em safári” está apenas ausente, inacessível, fora de alcance.

Estar fora de alcance, na África, era minha intenção. A vontade de desaparecer faz muita gente viajar. Se você estiver farto de ser mantido em compasso de espera, em casa ou no trabalho, viajar é o ideal: deixe que os outros esperem, para variar. Viajar é uma espécie de vingança por ter tido que aguardar na linha, por ter que deixar mensagens em secretárias eletrônicas, por desconhecer o número da extensão de alguém, por ter sido obrigado a esperar durante toda a vida profissional — os dissabores do escritor que trabalha em casa. Mas ter que esperar é também a condição humana.

Pensei: “Que outras pessoas expliquem onde estou.” Imaginei o seguinte diálogo:

- Quando Paul vai voltar?
- Não sabemos.
- Onde ele está?
- Não temos certeza.
- Podemos entrar em contato com ele?
- Não.

Viajar pela mata africana pode ser também uma espécie de vingança contra celulares, aparelhos de fax, telefones e jornais diários, contra os aspectos mais assustadores da globalização, que permitem a qualquer um, se quiser, colocar as mãos insinuantes sobre você. Eu queria ficar inacessível. Kurtz, mesmo doente, tenta escapar da canoa de Marlow¹ e fugir para a selva, arrastando-se como um animal. Eu entendia isso.

¹ Kurtz e Marlow são personagens de *Coração das Trevas*, romance de Joseph Conrad ambientado na África. (N. do T.)

Eu iria para a África pela melhor das razões: o espírito da descoberta. E pela pior delas: para desaparecer simplesmente, dar o fora, com uma sugestão de *duvido que você me encontre*.

Ficar em casa se tornara rotina, e rotinas fazem o tempo voar. Eu era um alvo fácil em minha rotina previsível: as pessoas sabiam quando me telefonar, sabiam quando eu estaria em minha escrivaninha. Era como um emprego, um modo de vida que eu detestava. Eu estava farto de ser importunado ao telefone, de ouvir pedidos de favores, pedidos de dinheiro. Quando você fica em um lugar por muito tempo, as pessoas começam a impor seus prazos sobre você. “Preciso disso no dia 25”, ou “Leia isso até sexta-feira”, ou “Tente terminar isso no fim de semana”, ou “Vamos ter uma audioconferência na quarta”, *Telefone... mande um fax... mande um e-mail para mim... Você pode me encontrar a qualquer hora no celular — eis o número*.

Estar disponível a qualquer momento, no mundo da acessibilidade total, parecia-me puro horror. E me levou a procurar um lugar que não fosse acessível de forma nenhuma: sem telefones, nem aparelhos de fax, nem mesmo entregas pelo correio, o velho e maravilhoso mundo de estar fora de alcance. Em outras palavras, em viagem.

Tudo o que eu precisava fazer era me retirar. Adorei não ter que pedir licença. A verdade é que, na minha vida doméstica, as coisas também estavam se tornando previsíveis — o sr. Paul em casa todas as noites, quando a sra. Paul chega do trabalho. “Fiz um molho de espaguete... Grelhei um pedaço de atum... Estou lavando umas batatas...” O escritor de avental, transpirando sobre o molho bechamel, sempre ao alcance da campainha do telefone. Temos que atendê-la quando toca perto de nossos ouvidos.

Eu queria pular fora. As pessoas diziam: “Arranje um celular... Use o FedEx... Inscreva-se no Hotmail... Entre nos cybercafês... Visite o site que coloquei na rede...”

Eu dizia não, obrigado. Todo o significado da minha partida era escapar dessas coisas, ficar fora de alcance. A maior justificativa da viagem não era buscar o autoaperfeiçoamento, mas executar um ato de ilusionismo, desaparecer sem deixar vestígios. Como dizia Huck,² cair fora e ir para o mato.

A África é um dos últimos lugares da Terra onde alguém pode desaparecer. Eu queria isso. Que os outros esperassem. Tinham me feito esperar muitas vezes, durante muito tempo.

² Huck, abreviatura de Huckleberry Finn, personagem criado por Mark Twain. Trata-se de um garoto abandonado, esperto e aventureiro, que aparece em alguns livros do autor. (N. do T.)

Vou me mandar daqui, disse a mim mesmo.

Um aspecto mórbido da minha partida para a África foi que comecei a receber condolências. Diga que vai viajar para um lugar perigoso. Seus amigos telefonarão solidários, como se você tivesse contraído uma doença perigosa, que poderá se tornar fatal. Apesar disso, inesperadamente, achei as mensagens animadoras, uma prévia reconfortante de como seria o meu falecimento. Muitas lágrimas! Muita gente enlutada! Mas também, sem dúvida, muita gente se gabando solenemente: “Eu disse para ele não fazer isso. Fui uma das últimas pessoas a falar com ele.”

Eu tinha chegado ao Baixo Egito e estava seguindo para o sul, com minha habitual disposição de viagem: curioso pelo pitoresco, consciente dos flagelos e preparado para o horror. Felicidade era inconcebível, pois, embora desejável, é assunto banal como tema de viagem. A África, portanto, parecia perfeita para uma longa jornada.